



A intencionalidade agrícola Hi-Merimã: abordagens e paradigmas agroecológicos na Amazônia indígena

Hi-Merimã agricultural intention: agroecological approaches and paradigms in the indigenous Amazon

CANGUSSU, Daniel^{1 2}; MACHADO, Luiza²; FERRO, Poliana D.²; ARANDA, Gleidson A.²; SILVA, Hevelise D.²; BROCKI, Elisabete³

¹Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus/FUNAI, cangussu.isolados@gmail.com; ²Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia (MPGAP/INPA), luizamachado42@gmail.com.br; poliana.ferro@ifac.edu.br; gleidson_aranda@yahoo.com.br; hevelise.silva@icmbio.gov.br; ³Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ebrocki@uea.edu.br

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O presente trabalho busca descrever as técnicas e ações de manejo observados pelos indigenistas em expedições de monitoramento no interior do território dos Hi-Merimã e problematizar conceitos de coleta e agricultura no contexto amazônico. A metodologia baseou-se em revisão bibliográfica e dados coletados durante expedições de monitoramento da FUNAI na terra indígena Hi-Merimã entre 2010 a 2019. Os vestígios Hi-Merimã demonstram evidências de sofisticadas oficinas de processamento de espécies alimentícias e um complexo sistema extrativista, podendo-se inferir uma proximidade ao agroextrativismo, apontando uma relação entre os modos de coleta, agricultura ou extrativismo com o ambiente moldados por padrões etnoecológicos próprios. As práticas de manejo adotadas por estes povos indígenas isolados e a relação estabelecida com os recursos do seu território problematizam conceitos de coleta e agricultura no contexto amazônico e coloca em xeque paradigmas fundamentais de sistemas agrícolas.

Palavras-chave: Purus; Casimirella; Oenocarpus; Monitoramento; Expedições.

Keywords: Purus; Casimirella; Oenocarpus; Surveillance; Expedition.

Introdução

A experiência do contato nas Américas entre as populações indígenas e os colonizadores europeus foi marcada pelo quase completo extermínio das diversas nações autóctones. Este processo foi decorrente de chacinas e massacres e por meio da disseminação de epidemias, por vezes, deliberadamente desencadeadas e contra as quais os povos nativos não possuíam defesas imunológicas. Este drástico declínio populacional refletiu de maneira igualmente severa nos sistemas agrícolas indígenas e na manutenção de suas variedades domesticadas, que dependiam da atuação diligente dessas populações para seu controle, reprodução e dispersão (Clement et al. 2015), assim como, representou a morte de sistemas culturais e de conhecimento (Hecht, 1989).

Apesar do desaparecimento quase completo destes povos, suas práticas de manejo das florestas deixaram profundas mudanças nas paisagens, testemunha das dinâmicas culturais de manejo da biodiversidade. Estas evidências estão expressas



desde a formação de nichos domesticados de erva mate (*Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.) e butiá (*Butia spp*) no Rio Grande do Sul, até a expansão das matas *Araucaria* e hiperdominância de árvores frutíferas presentes na Amazônia, a exemplo da patauá (*Oenocarpus bataua* Mart.), açaí (*Euterpe spp*) e bacabas (*Oenocarpus spp.*) (Barlow et al., 2010; Reis; Ladio; Peroni, 2014). Porém, ainda persistem práticas que refletem em mudanças de paisagens e abundância de espécies que encontram correspondência em modelos de manejo adotados por povos indígenas contemporâneos. Os Hi-Merimã, povo indígena isolado habitante do interflúvio Juruá-Purus, representa um destes icônicos contextos etnográficos. Suas elaboradas técnicas relacionadas ao processamento e manufatura de plantas alimentícias, e o resultado ecológico decorrente da intervenção direta na vegetação nativa, demonstram o quão próximos estão os conceitos de coleta e agricultura na Amazônia.

Desse modo, busca-se descrever técnicas e ações de manejo observados pelos indigenistas em expedições de monitoramento no interior do território dos Hi-Merimã. E ainda, problematizar conceitos de coleta e agricultura no contexto amazônico, considerando as evidências da relação desse povo com os recursos ambientais

Metodologia

Os dados foram coletados durante expedições de monitoramento articuladas e coordenadas pela Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), no período de 2010 a 2019, na terra indígena Hi-Merimã, localizada nos municípios de Lábrea e Tapauá, região do interflúvio médio Juruá/Purus, no sul do estado do Amazonas (figura 01). As expedições de monitoramento foram realizadas sem o contato com os índios Hi-Merimã, por se tratar de povos indígenas isolados. Adicionalmente, houve revisão bibliográfica sobre o tema.

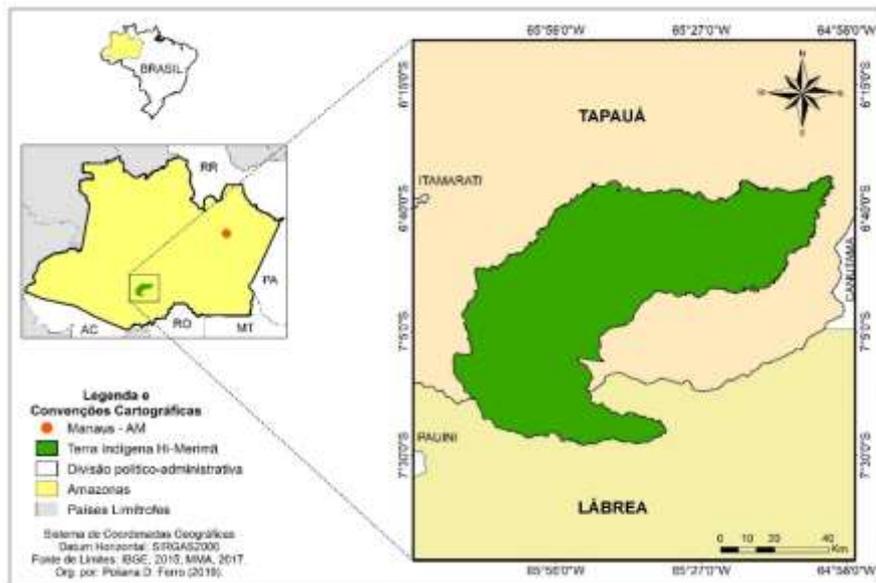


Figura 1. Mapa de localização da Terra Indígena Hi-Merimã.

Resultados e Discussão

Os vestígios Hi-Merimã monitorados pela FUNAI apontam para uma estreita relação do uso das plantas e manejo das matas do seu território, que estão presentes na cultura material, na elaboração de venenos de caça, na manipulação de barbascos (ictiotóxicos) e no uso de enviras, palhas e cipós. Por um lado, não são encontradas evidências de plantio direto por parte desses grupos; não há quaisquer registros de que eles abram roçados ou cultivem hortas, nem mesmo das espécies vegetais de maior importância para contexto etnográfico *arawa* ao qual pertencem os Hi-Merimã. Por outro, coletam grande variedade de frutos e tubérculos nativos, com forte evidência, entre os vestígios, de sofisticadas oficinas de processamento de espécies alimentícias, com ênfase para a batata *Casimirella ampla* ((Miers) R.A. Howard) e frutos do patauá. Das batatas são extraídas a fécula, dos frutos das palmeiras, o vinho. Grande parte dos itens da cultura material Hi-Merimã são elementos/utensílios destas oficinas, tamanha a importância destas práticas de processamento e manufatura entre os Hi-Merimã. Cerâmicas de diversos tamanhos e formatos, decantadores, raladores, pilões/despoldadeiras confeccionados a partir da casca de jutaí (*Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith) e cestos de palha de caraná (*Mauritia limnophylla* Barb. Rodr.) são alguns destes itens. Neste sentido, a uso dos recursos naturais por parte dos Hi-Merimã revela uma profunda relação entre povos e seus territórios, evidenciam a adoção de tecnologia voltadas ao manejo da floresta e à obtenção de alimentos (CANGUSSU; SHIRATORI, 2017).

Outro importante aspecto do uso dos recursos naturais por parte dos Hi-Merimã está na alteração das populações das palmeiras do seu território e consequente modificação da paisagem natural. A prática da coleta, processamento e descarte das sementes destas palmeiras nas proximidades dos acampamentos, favorecem à



formação de nichos enriquecidos de palmeiras no interior da floresta. Parece haver grande correspondência das matas de patauá com as principais áreas de uso dos Hi-Merimã, catalisando assim um ciclo de uso/enriquecimento da palmeira pelo território indígena, resultado este ampliado espacialmente pela mobilidade e itinerância destes povos. O hábito de derrubar as palmeiras, para a obtenção de palhas para a cobertura dos acampamentos ou para facilitar a coleta dos frutos, é outro importante elemento de modificação da paisagem, que insere a espécie em um ciclo de espacialização dinâmico e alinhado à dinâmica territorial do Hi-Merimã. Assim sendo, pode-se supor que estes povos implementam um complexo sistema extrativista da palmeira patauá, desde a coleta até o processamento final e descarte dos resíduos gerados. Ao se observar este sistema, pode-se inferir uma proximidade ao agroextrativismo que contempla de maneira geral as diferentes técnicas de cultivo, criação e beneficiamento de produtos extrativistas, com base no uso de técnicas desenvolvidas a partir de saberes e práticas tradicionais, do conhecimento dos ecossistemas e das condições ecológicas regionais (MAPA, 2009). Porém, tal suposição é relativizada pela falta de um dado crítico deste contexto: a intencionalidade agrícola.

Investigar este contexto a partir da correspondência das práticas dos Hi-Merimã dentro dos paradigmas agrícolas parece sedutor à primeira vista. De fato, a dicotomia coleta *versus* agricultura alicerça-se sobre um arcabouço conceitual que relaciona-se à capacidade diligente de modificar os recursos ambientais vegetais. A palavra agricultura deriva do latim “*agri*” e faz referência ao campo e “*cultura*” do cultivar. Pinheiro (2019) trata agricultura como um ato social inerente a homens e mulheres que modificaram sua práxis e paradigmas ao longo da história, dependendo das condições climáticas, topográficas, econômicas, sociais-políticas e culturais, respondendo aos diferentes modelos estruturais segundo o contexto.

Os Hi-Merimã, modificam dramaticamente suas florestas a partir da expansão de espécies frutíferas, evidenciando conhecimentos que possibilita sua manutenção e reprodução ao longo da história. Porém, como alertam Toledo e Barrera-Bassols (2010) não se deve descontextualizar os conhecimentos do objeto de estudo. Ou seja, deve-se ainda considerar o sistema ecológico e a organização social desse povo. Neste sentido, a coleta, agricultura ou extrativismo Hi-Merimã parece se relacionar de fato a uma outra forma de se conceber esta relação com o ambiente e seus recursos, que evoluiu e se desenvolveu com estrito grau de interdependência e moldado por padrões etnoecológicos próprios.

Conclusões

O sofisticado ambiente onde se inserem as práticas de coleta, processamento e manufatura dos frutos das palmeiras realizadas pelos Hi-Merimã relativizam a suposta simplicidade tecnológica associada aos povos caçadores-coletores amazônicos quando comparada às sociedades agricultoras mais sedentárias. A modificação das paisagens, favorecendo a expansão de matas caracterizadas pela



hiperdominância de espécies como o patauá, que decorrem da ação deste coletivo indígena, demonstram o quão complexo e difundido podem ser os resultados deste manejo.

A natureza restritiva da metodologia de proteção dos povos indígenas isolados impossibilita a obtenção de dados diretamente junto aos Hi-Merimã. A intencionalidade agrícola destes povos caçadores/coletores, portanto, não pode ser inferida ou analisada por meio do sistema conceitual no qual estão alicerçadas as definições de agricultura, agroecologia e extrativismo. Nessa perspectiva, parece haver um impasse conceitual na busca por categorizar o modo de vida Hi-Merimã a partir de suas práticas, uma vez que não se sabe a intenção exata desses povos ao manejarem seus recursos. Apesar dos Hi-Merimã regressarem aos locais alterados no passado, a condição de isolamento permite apenas que se formule hipóteses e suspeitas de que essa é, de fato, uma prática de rotatividade agrícola, reflexo da perda de seus territórios ou manifestação de sua cosmologia e *modus* de vida.

Assim, acreditamos na existência de um novo paradigma que nasce a partir da dúvida de como enquadrar processos e culturas tão singulares em conceitos padronizados e generalistas da cultura ocidental.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação Geral de Índios Isolados de Recente Contato/FUNAI e à coordenação do Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia/INPA.

Referências bibliográficas

BARLOW, J. et al. How pristine are tropical forests? An ecological perspective on the pre-Columbian human footprint in Amazonia and implications for contemporary conservation. **Biological Conservation**, v. 151, n. 1, p. 45-49, 2012.

CANGUSSU, D., SHIRATORI, K. A vida errante, o isolamento e o contato. In: **Povos Indígenas no Brasil 2011/2016**. Instituto Socioambiental. 12 ed., 2017, p. 407-409.

CLEMENT, C. et al. The domestication of Amazonia before European conquest. **Proc. R. Soc. B**, v. 282, ed. 1812, p. 1-9, 2015.

HECHT, B. S. A evolução do pensamento agroecológico In: ALTIERI, M. (ed.), **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 1989. p. 25-41.

MAPA. **Instrução Normativa e conjunta MAPA-MMA nº 17, de 28 de maio de 2009**. Disponível em:



[http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislação](http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legisla%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 02 de jun. 2019.

PINHEIRO, S. **Agroecologia 7.0: bombeiro agroecológico** (farinhas de rochas, biofertilizantes, biochar, agro-homeopatia e sideróforos). 2. ed., Porto Alegre: Juquira Candiru Satyagraha, 2019.

REIS, M.S. et al. Domesticated landscapes in araucaria forests, Southern Brazil: a multispecies local conservation-by-use system. **Front. Ecol. Evol.**, v. 6, p. 1-14, 2018.

TOLEDO, V., BARRERA-BASSOLS, N. Etnoecología y conservación en Latinoamérica. In: ALVES, A. G. C.; SOUTO, F.J.B.; PERONI, N. P. (Orgs.). **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010, p. 43-72. (Estudos & Avanços).